

ADAPTAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS PARA O CINEMA

ADAPTATION OF LITERARY TEXTS FOR CINEMA

ADAPTACIÓN DE TEXTOS LITERARIOS PARA EL CINE

 Alcione Gomes de Almeida¹

1. Graduação em Letras, Licenciatura em Português -Espanhol. Doutoranda em Performances Culturais. Universidade Federal de Goiás. E-mail: alcionegomes3@gmail.com

ABSTRACT: This article aims to examine film adaptations of literary texts stemming from more extensive ongoing research. This research addresses the filmography of Plínio Marcos' literary texts in different decades. The developed ideas refer to traditional theorists who included the cinematic universe in their research interests, with significant contributions to the systematization and evolution of film construction studies, exemplified by Randal Johnson (1982, 2003) and Robert Stam (2006, 2013).

Keywords: Adaptation. Film. Theater. Plínio Marcos.

RESUMO: O propósito deste artigo é apresentar uma reflexão acerca da adaptação de textos literários para o cinema, cuja origem remonta a uma pesquisa maior que se encontra em desenvolvimento e trata a questão no âmbito da filmografia de textos literários do autor Plínio Marcos, realizada em diferentes décadas. As ideias desenvolvidas se embasam em teóricos tradicionais que incluíram o universo cinematográfico em seus interesses de pesquisa, tendo muito contribuído com a sistematização e evolução dos estudos da construção fílmica, a exemplo de Randal Johnson (1982, 2003) e Robert Stam (2006, 2013).

Palavras-chave: Adaptação. Filme. Teatro. Plínio Marcos.

RESUMEN: El presente artículo tiene como propósito presentar una reflexión en torno a la adaptación de obras literarias al medio cinematográfico, en el marco de una investigación en curso sobre la filmografía de Plínio Marcos a lo largo de varias décadas. Las ideas que se desarrollan encuentran se fundamentan en los trabajos de teóricos tradicionales que han incorporado el universo cinematográfico en sus intereses de investigación. Se resalta las contribuciones significativas que estos enfoques han aportado a la sistematización y progresión de los estudios orientados a la construcción cinematográfica, tal es el caso de Randal Johnson (1982, 2003) y Robert Stam (2006, 2013).

Palabras-clave: Adaptación. Película. Teatro. Plínio Marcos.

Recebido em: 29/05/2023

Aprovado em: 10/07/2023



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário

Introdução

A reflexão que desenvolvo neste trabalho deriva de uma pesquisa mais ampla que desenvolvo em minha tese de doutorado, na qual investigo um conjunto de produções fílmicas adaptadas de textos literários do autor Plínio Marcos, dramaturgo de notória originalidade em nosso cenário cultural brasileiro, proporcionou renovações ao campo teatral, sendo elevado ao patamar de Nelson Rodrigues, seu antecessor, a quem reconhecia como mestre e que mais tarde se tornara um amigo (CONTIERO, 2007, p. 103-126).

O objetivo principal é desenvolver o tema da adaptação fílmica de modo a evidenciar a contribuição de alguns estudiosos, com suas respectivas abordagens, ao rol de teorias pertinentes ao tema. Nesse sentido, Stam (2006, 2013) e Johnson (1982, 2003) são autores tradicionais no campo de estudo cinematográfico e trazem à baila discussões que respaldam os objetivos traçados nessa investigação.

Interessa-nos sobretudo, a partir dos trabalhos analisados, refletir sobre a definição do assunto adaptação de obras literárias para o cinema, apontar como discutem o conceito de fidelidade ao texto base, bem como, discorrer acerca de outros termos e conceitos que podem ser empregados em lugar do vocábulo adaptação.

Desenvolvimento

É fundamental ter em vista que o cinema se mostra como “meio de representação” ou “arte-meio”, isso, porque está imbuído da capacidade de recriar a realidade, com imagem, movimento, cores e sons. Sendo impossível transpor o real em sua globalidade para a tela, apresenta com fidelidade aspectos do mundo concreto em que vivemos. Essa aparente realidade construída com diversas técnicas e artifícios, inevitavelmente, suscita no espectador o sentimento de contemplação do mundo real através da tela, que, como sabemos, pode ser bastante sedutor.

Uma obra fílmica tenta agir sobre o outro, provocar-lhe interesse. Todo o investimento feito na produção carrega em si anseios, como a capacidade de informar e sensibilizar os indivíduos. Um filme possui suas peculiaridades, o que exige olhares ecléticos para o seu estudo, principalmente porque o mundo sistematizado na obra dará voz a um conjunto diverso de elementos sociais e sistemas culturais vários.

Nosso entendimento é de que, a adaptação ou recriação de uma obra para o âmbito do cinema, faz referência à obra fílmica que dispensa o suporte de um roteiro original, em prol do amparo de alguma obra que passa a ser sua base. Nesse contexto, Johnson (1982, p. 5-11) desenvolve em seu livro relações entre literatura, em especial o romance, e cinema.

O conteúdo de uma obra, transposto para outro tipo de linguagem, mostra a sua “substância” com as devidas alterações, isso porque o processo de criação que rege o conteúdo se baseia no texto original, o que equivale dizer que há um aproveitamento em alguma medida para se realizar a adaptação.

Para Eco (2007, p. 16), a adaptação é um “processo de negociação”, assim como a tradução, no qual pode ocorrer renúncia de algo para se obter algum ganho — e na conclusão do projeto, deveria prevalecer nos envolvidos o sentimento de satisfação, uma vez que “negociar” pressupõe uma postura crítica perante a obra-fonte, com prováveis perdas e ganhos, que estabelecerá com o produto final códigos particulares de interação com o espectador.

Johnson (2003), a partir da ideia de que as múltiplas interações entre literatura e cinema expressam um processo cultural complexo, que se caracteriza pela intertextualidade, questiona a relevância do aspecto “fidelidade” que a adaptação cinematográfica manteria em relação à obra literária.

A insistência na ‘fidelidade’ — que deriva das expectativas que o espectador traz ao filme, baseadas na sua própria leitura do original — é um falso problema porque ignora diferenças essenciais entre os dois meios, e porque geralmente ignora a dinâmica dos campos de produção cultural nos quais os dois meios são inseridos (JOHNSON, 2003, p. 42).

O autor propõe outras abordagens no tratamento da questão, sem perder de vista a concepção de que mesmo estando a literatura e o cinema em meio de produção cultural diferentes, relacionam-se em maior ou menor grau.

Quando um cineasta faz um filme, está respondendo, consciente ou inconscientemente, a questões levantadas ou possibilitadas pelo próprio campo, em primeiro lugar, e pela sociedade ou outros campos, em segundo lugar. [...] Uma obra artística, seja ela romance, conto, poema, filme, escultura ou pintura, tem de ser julgada em relação aos valores do campo no qual se insere, e não em relação aos valores de outro campo (JOHNSON, 2003, p. 44).

Com esses estudiosos, desconsideramos o conceito de fidelidade como único princípio metodológico para a compreensão do filme, pois a mudança de um sistema a outro implica inevitáveis mudanças, como os significados que expressa a partir do conteúdo observado por meio da imagem e som que a produção fílmica proporciona. Já a obra que é vista somente pelo ângulo da palavra escrita, por ser outra linguagem, funciona com seus próprios códigos, tem suas significações particulares e distintos conteúdos latentes e explícitos — sendo que, ademais, promove novo posicionamento no público consumidor dessa obra.

Stam (2013, p. 9-23) também sugere o termo “tradução” para tratar da adaptação fílmica. O renomado pesquisador norte-americano nega ser um teórico do cinema, apesar de se dedicar ao estudo de conceitos e teorias ligadas a esse âmbito cultural.

O termo intertextualidade foi apresentado por Julia Kristeva, na década de 1960, e reforça a ideia de Bakhtin presente desde os seus primeiros escritos: texto ou discurso de uma expressão artística é uma construção híbrida, as palavras do autor unem-se a outras pré-existentes de autorias e épocas distintas. Stam (2006, p. 21-23) compreende o cinema como um veículo de massa, o qual se vale com vigor da intertextualidade, e como esta pesquisa se ampara em teses de Bakhtin, trato a questão como construções, relações ou trocas dialógicas. No que diz respeito à composição heterogênea que engendra uma adaptação e a uma suposta originalidade do texto literário, assevera:

A adaptação, também, deste ponto de vista, pode ser vista como uma orquestração de discursos, talentos e trajetões, uma construção ‘híbrida’, mesclando mídia e discursos, um exemplo do que Bazin na década de 1950 já chamava de cinema ‘misturado’ ou ‘impuro’. A originalidade completa não é possível nem desejável (STAM, 2006, p. 23).

Assim, para o mesmo autor, a fidelidade é um ponto irrisório à adaptação. O texto literário que serviu de base para a construção fílmica, a literatura em si, está em patamar equivalente ao cinema, isto é, inexistente supremacia de um sobre o outro.

As palavras escritas, transplantadas no meio cinematográfico, adquirem outros significados, simbologias, a combinação de sons e imagens, inerentes a esse campo cultural, possibilitam ao espectador experiências outras capazes de aguçá-lhe mais os sentidos. Muito do que antes poderia ser apenas imaginado, passa a contar com a materialidade do visual.

Sendo o cinema uma arte recente, que evolui com os novos tempos que vão surgindo, continua a se apropriar e a dar novos significados a áreas culturais várias, mídias, gêneros textuais, para citar alguns exemplos. É oportuno dizer que há muitos termos e conceitos disponíveis que podem ser empregados em lugar do vocábulo “adaptação”, como tradução, transmutação, significação, leitura, dialogização, recriação, entre outros. Stam (2006) explica que:

As palavras com o prefixo ‘trans’ enfatizam a mudança feita pela adaptação, enquanto aquelas que começam com o prefixo ‘re’ enfatizam a função recombinante da adaptação. Cada termo joga luz sobre uma faceta diferente da adaptação. O termo para adaptação enquanto ‘leitura’ da fonte do romance, sugere que assim como qualquer texto pode gerar uma infinidade de leituras, [...] que serão inevitavelmente parciais, pessoais, conjunturais, com interesses específicos. A metáfora da tradução, similarmemente, sugere um esforço íntegro de transposição intersemiótica, com as inevitáveis perdas e ganhos típicos de qualquer tradução (STAM, 2006, p. 19-28).

Conclusão

Adaptar transpõe, e muito, a decisão de selecionar o que será aproveitado ou não, pois como se trata de uma outra mídia em questão, o cinema, a narrativa será moldada em função das técnicas e recursos que o veículo cinematográfico disponibiliza e que lhe são inerentes, assim, a obra fílmica terá seu próprio acabamento e estética.

Nosso objetivo central foi discorrer sobre o processo de adaptação fílmica, para tanto, foram selecionados autores de reconhecida importância no campo de estudo do cinema. Assim, acreditamos ter levado a cabo uma reflexão de relevo, ainda que breve, a partir da abordagem das principais questões que têm surgido sobre o tema ao longo do tempo.

Com base, tanto nas peculiaridades que constituem a arte cinematográfica, como nos objetivos que um filme detém, apontamos o conceito de *adaptação fílmica* para, em seguida, relacioná-lo a outras possibilidades de referências, sendo que termos como “tradução” e “recriação”, são algumas alternativas (STAM, 2006, p. 19-28). Por fim, nosso texto explica a necessidade de se conceber o aspecto de fidelidade como um ponto irrelevante quando pensamos no texto literário que originou a criação de um filme, haja vista que o cinema possui uma linguagem própria, híbrida e nenhum dos dois campos, a literatura e o cinema, possui maior grau de importância, seja qual for a situação.

Referências

CONTIERO, L. **Plínio Marcos**: Uma biografia. São Paulo. 2007. 405 p. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103669>. Acesso em: 02 mai. 2023.

ECO, U. **Quase a mesma coisa**: experiências de tradução. Tradução de Eliana Aguiar. São Paulo: Record, 2007.

JOHNSON, R. **Literatura e cinema**: Macunaíma, do modernismo na literatura ao cinema novo; tradução de Aparecida de Godoy Johnson. São Paulo: TA Queiroz, 1982.

_____. Literatura e cinema, diálogo e recriação: o caso Vidas Secas. In: PELLEGRINI, Tânia. et al. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Senac - Instituto Itaú Cultural, 2003, p. 37-57.

STAM, R. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. **Revista Ilha do Desterro**. Florianópolis, n. 51, p. 19-53, jul. /dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/9775>. Acesso em: 05 mai. 2023.

_____. **Introdução à teoria de cinema**. 5. ed. São Paulo: Papyrus, 2013.

ALMEIDA, A. G. Adaptação de textos literários para o cinema. *Open Minds International Journal*. vol. 4, n. 2, p. 179-182, Mai, Jun, Jul, Ago/2023.